

Valeska Zanello
Cláudia Carneiro
Maria Nilza Campos
(Organizadoras)

Fronteiras
em
Psicanálise



in libris libertas

FILOSOFIA DA LINGUAGEM E PSICANÁLISE: UMA CONTRIBUIÇÃO A PARTIR DOS ATOS PERLOCUCIONÁRIOS

Valeska Zanello⁴²

Resumo

Freud aponta a “magia” das palavras como âmagos do processo de análise, seja na associação livre do paciente, seja nos efeitos da interpretação do analista. O presente artigo tem como fito utilizar o conceito de ato perlocucionário (Austin, 1991), proveniente da filosofia da linguagem ordinária, para compreender os usos e efeitos da palavra sobre o paciente, no processo analítico. Segundo Austin (1991), o ato perlocucionário é o efeito causado no ouvinte por se dizer alguma coisa. Defendeu-se a idéia de que a qualificação do modo de dizer, isto é, a entonação (prosódia) do conteúdo proferido pelo falante (no caso, a interpretação do analista) é fundamental para a compreensão desses efeitos.

Palavras-chave: processo analítico; atos perlocucionários; prosódia.

⁴² Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília (com doutorado sanduíche na *Université Catholique de Louvain* - Bélgica), psicóloga e bacharel em Filosofia pela Universidade Brasília.

Abstract

Freud points out the "magic" of words as the core of the process of analysis, either in the free association of the patient or in the effects of the analyst's interpretation. The objective of the present article is to use the concept of perlocutionary act (Austin, 1991), from the philosophy of the ordinary language, to understand the uses and effects of the word over the patient, in the analytical process. According to Austin (1991), the perlocutionary act is the effect caused on the listener from utterance. A defense was made to the idea that the qualification of the mode of saying, i.e., the intonation (prosody) of the contents expressed by the speaker (in the case, the analyst's interpretation) is essential to the understanding of such effects.

Keywords: analytical process; perlocutionaries acts; prosody.

Freud, já em 1905, apontava a importância da palavra para operar a “cura” naqueles casos cujo sofrimento era de ordem psíquica:

De primeira importância entre tais medidas é o uso de palavras; e as palavras são o instrumento essencial do tratamento mental. Um leigo sem dúvida achará difícil compreender de que forma os distúrbios patológicos do corpo e da mente podem ser eliminados por ‘meras’ palavras. (...) Agora, também começamos a compreender a ‘mágica’ das palavras. As palavras são o mais importante meio pelo qual um homem busca influenciar outro; as palavras são um bom método de produzir mudanças mentais na pessoa a quem são dirigidas. Nada mais existe de enigmático, portanto, na afirmativa de que a mágica das palavras pode eliminar os sintomas de doenças, e especialmente daquelas que se fundam em estados mentais. (Freud, 1905, pp. 302-306)

Que mágica é essa das palavras a que ele alude como “enigma”? A questão da linguagem e de suas funções não é um problema novo, da contemporaneidade; mas antes, remonta às nossas raízes na Grécia Antiga. Platão (séc. IV. a.c.), em sua *República*, já definia a linguagem com um *pharmakon*, substância que poderia ser considerada tanto como remédio, quanto como veneno, a depender de quem a utilizasse, da quantidade e com qual saber a respeito daquele no qual se ministrava a “dose”.

Em Aristóteles (IV a.c.), firma-se, no pensamento ocidental, a função especular da linguagem, isto é, a idéia de que a linguagem, quando utilizada de maneira séria e rigorosa (leia-se: filosófica e depois cientificamente), deveria ser um espelho do mundo. Nela, a proposição ocuparia o coração da Lógica, sendo o âmbito no qual se daria a verdade e a falsidade. Afirma-se, portanto, uma noção especular entre linguagem e realidade, entre proposição e mundo, situando-se a verdade como correspondência entre ambos (Rorty, 1994).

O ápice desta tradição se deu, séculos depois, na realização do *Tractatus Lógico-Philosophicus*, de Wittgenstein (1994). Nesta obra, característica da primeira fase de seu pensamento, o filósofo postula a existência de uma relação isomórfica entre linguagem e mundo, sendo que a linguagem ordinária disfarçaria esta isomorfia, surgindo daí a necessidade de uma linguagem formal. A cada proposição deveria relacionar-se um estado de coisas possíveis (afirmação da semântica). Neste sentido, se a proposição representa

“a existência e a inexistência dos estados de coisas” (Wittgenstein, 1994, p. 177), então “a totalidade das proposições verdadeiras é toda a ciência natural (ou a totalidade das ciências naturais)” (Wittgenstein, 1994, p. 177).

No entanto, o problema de denominação das cores (dos graus de suas tonalidades) impôs a Wittgenstein (1995) repensar a sua própria forma de conceber a linguagem. Isso o levou àquilo que é conhecido como a “virada lingüística” (“lingüistic turn”). É nesta fase que o filósofo escreve as *Investigações Filosóficas* (1995).

Nessa obra, o autor rompe com a tirania semântica e especular do enfoque da linguagem, colocando em cena seu aspecto pragmático. Em outras palavras, afirma-se aqui a idéia de que o sentido da palavra é seu uso e, também, de que podemos fazer muitas coisas com a linguagem além de representar o mundo, como por exemplo: rezar, prometer, ofender, bajular, etc.

A partir das idéias de Wittgenstein, consolida-se então uma corrente conhecida na filosofia como “Filosofia da Linguagem Ordinária”. Esta corrente visa compreender e explicitar as regras que regem nosso uso da linguagem, os atos que ela realiza e os efeitos de seu uso.

Buscamos, neste artigo, instrumentarmo-nos dos aportes trazidos por essa vertente para repensarmos alguns aspectos da idéia originária de Freud.

Austin, seguidor das idéias de Wittgenstein, propôs a teoria dos atos de fala, justamente para nomear o uso da linguagem pelo qual realizamos atos. Segundo ele, os atos de fala são constituídos por 3 elementos: o ato locucionário, o ato ilocucionário e o ato perlocucionário. O ato locucionário seria composto pelo ato fonético (produção de ruídos), ato fático (proferimento de certos vocábulos ou palavras, numa determinada entonação) e ato rético (ato de utilizar tais vocábulos com um certo sentido e referência mais ou menos definidos).

Já o ilocucionário seria o proferimento da locução que, ao ser dita, realiza um ato. Por exemplo, o proferimento de “você está casado”, feita por um padre, e preenchidos os pré-requisitos para a felicidade desse ato (que os noivos não sejam já casados com outras pessoas, que o padre não seja um farsante simulando ser um padre, dentre outros), é a realização do próprio ato de casar.

Quanto aos perlocucionários, Austin nos diz que poderíamos traduzi-los ainda que não sem algum problema, pela frase “por dizer algo, fez tal coisa”.

Em suas palavras:

Há um outro sentido (C) em que realizar um ato locucionário, e assim um ato ilocucionário, pode ser também realizar um ato de outro tipo. Dizer algo freqüentemente, ou até normalmente, produzirá certos efeitos ou conseqüências sobre os sentimentos, pensamentos ou ações dos ouvintes, ou de quem está falando, ou de outras pessoas. E isso pode ser feito com o propósito, intenção ou objetivo de produzir tais efeitos. Em tal caso podemos dizer, então, pensando nisso, que o falante realizou um ato que pode ser descrito fazendo-se referência, meramente oblíqua (Ca) ou mesmo sem fazer referência alguma (Cb) à realização do ato locucionário ou ilocucionário. Chamaremos a realização de um ato deste tipo de realização de um ato perlocucionário ou perlocução. (Austin, 1991, pp. 89-90)

Interessa-nos, no presente artigo, não os atos ilocucionários (atos que *ao se dizer algo*, faz-se alguma coisa), mas os perlocucionários, visto que estes se ligam aos efeitos da fala sobre o ouvinte (tema fundamental para compreendermos, por exemplo, os efeitos de uma interpretação em análise).

Austin aponta como um importante elemento diferenciador entre os atos ilocucionários e os perlocucionários, a convencionalidade. Para ele, "os efeitos conseqüentes das perlocuções são realmente resultados, que não incluem efeitos convencionais" (Austin, 1991, p. 90), ou seja, "produzimos porque dizemos algo" (Austin, 1991, p.95). Já os atos ilocucionários "podem estar ligados a convenções" (Austin, 1991, p. 93). Os atos ilocucionários possuem assim certa força convencional. Esta distinção visa, segundo o próprio Austin, separar bem a ação que fazemos (no caso uma ilocução) de sua conseqüência. Neste sentido, os atos ilocucionários se ligariam a efeitos, diferentemente da *produção* de efeitos, efetuada pelos perlocucionários.

Austin coloca a entonação como elemento pertencente ao ato fático. A entonação é um aspecto essencial para compreendermos o ato ilocucionário, ou como chamará mais tarde Searle (1984; 1995), a força ilocucionária dos atos de fala em geral. No entanto, será também um fator fundamental para a compreensão dos atos perlocucionários, como veremos adiante.

A gramática, em geral, possui uma construção limitada para traduzir as complexidades da entonação, presentes no uso vivo da fala (nas perguntas, nas afirmações, nas ordens, etc).

Searle (1995) construiu uma taxonomia geral da força ilocucionária através de grandes conjuntos (assertivos, expressivos, declarativos, compromissivos e diretivos), os quais permitem classificações muito vastas acerca do que se faz *ao dizer* certos proferimentos. Tomemos como exemplo a enunciação do proferimento “Amanhã irei à sua casa”. Trata-se de um ato de fala compromissivo. No entanto, pode ser pronunciada como entonações diferentes, provocando outros efeitos além da expectativa (convencional) no ouvinte de que o falante cumpra sua promessa. É o caso do ouvinte se sentir ameaçado, convencido, etc. Enfim, poderia ser compreendida como alguma “conseqüência sobre os sentimentos, pensamentos ou ações dos ouvintes” (Austin, 1991, p. 89) não diretamente relacionada ao conteúdo locucionário. Em outras palavras, um mesmo ato de fala, apesar da mesma força ilocucionária, pode ser realizado através de entonações diferentes (mas não *qualquer* entonação), com efeitos perlocucionários distintos. O efeito de espera do cumprimento da promessa estaria assim relacionado, na visão de Austin, à convencionalidade do ato ilocucionário compromissivo. No entanto, sentir-se ameaçado, convencido, etc seria o efeito perlocucionário, tendo, portanto, caráter não convencional.

O que se pretende mostrar, neste artigo, é que o efeito perlocucionário no ouvinte possui uma relação com a entonação do falante (pode-se afirmar a mesma locução com tons bem diferentes), tendo um caráter de convencionalidade, presente na comunidade lingüística, em sua interpretação. Trata-se agora de perguntar de que modo isso se daria. O autor que nos fornece grandes contribuições nesta área é o psicanalista Ivan Fónagy (1983).

Segundo Fónagy (1983), a fala, enquanto fonação, tem bases psico-pulsionais. Isto é, não é por acaso que os termos metafóricos que atribuímos aos sons são os adjetivos “leves” ou “pesados”, “frios” ou “grossos”, “duros” ou “moles”, “lisos” ou “rugosos”, “secos” ou “úmidos”, “transparentes” ou “opacos”, “femininos” ou “masculinos”, mas antes isso aponta para uma profunda imbricação entre corpo, pulsão e linguagem. O som seria, segundo o autor, o caráter gestual do conteúdo pulsional presente na entonação. Fónagy mostra existir assim uma passagem do gesto *corporal* para uma mini-performance dramático-bucal no plano do aparelho fonatório. Em outras palavras, ocorre todo um engendramento específico das relações entre a glote, as cordas vocais e a laringe para possibilitar a entonação. Esta última seria o veículo privilegiado para a transmissão de mensagens emocionais.

Fónagy (1983) sublinha que a glote, enquanto órgão totalizador de movimentos corporais expressivos, reproduz no curso das emoções os movimentos essenciais de tal ou tal atividade ancestral. Neste sentido, ela reage sensivelmente às mudanças emocionais, permanecendo o órgão por excelência das mensagens vocais não-articuladas. O autor descreve de maneira incrivelmente articulada a “batalha” opressiva que se passa no aparelho fonatório quando emitimos proferimentos permeados de cólera, ou a doçura e a harmonia quando o que se faz presente é a ternura.

O gesto se incorpora assim à própria linguagem verbal. O “gesto” na fala (sua entonação) é ressentido pelo ouvinte enquanto tal devido a uma modulação ou distorção da realização habitual dos fonemas.

Neste sentido, as pesquisas de Fónagy têm levado a pensar a existência de dois mecanismos, segundo ele universais, que utilizamos quando o assunto é a entonação:

- Reforçamos a ênfase acentual para exprimir uma emoção mais forte (no caso de emoções ternas, prolongamos as vogais; no caso das emoções agressivas, prolongamos as consoantes). No entanto, mesmo as mudanças na entonação e na verbalização respeitam um quadro lingüístico definido pela língua. (Fónagy, 1983);
- Deslocamos o acento, para exprimir uma emoção particularmente intensa.

A maneira de falar, de pronunciar, seria, portanto, uma espécie de atividade “parasitária” enxertada sobre a atividade empreendida com uma finalidade consciente e precisa, que seria, por exemplo, a realização do ato ilocucionário (e a prescrição dos grandes “conjuntos” de entonação, relacionados à força ilocucionária). Como apontou Austin, nos perlocucionários teríamos como característica que a resposta ou seqüela desses atos possam ser obtidas adicionalmente ou inteiramente por meios não locucionários, por exemplo, os gestos. Trata-se agora dos gestos nas palavras, segundo Fónagy. A maneira de falar, de pronunciar, poderia ser compreendida, assim, como uma espécie de atividade “oculta” e reveladora ao mesmo tempo, muitas vezes uma “dedo-duro” de certos estados *páthicos* do falante! E mais: a entonação seria, de um lado, não convencional (é motivada), por outro lado, como apontamos antes, há uma decodificação convencional por parte do ouvinte! Em outras palavras, a entonação pode ser um meio de estudo dos atos perlocucionários e de seus efeitos.

Desde já podemos vislumbrar a infinidade de questões que tal perspectiva pode aportar para uma clínica das palavras cujo *setting* pressupõe uma suspensão do olhar. Dentre estas questões destacamos a que aqui nos interessa: como a entonação do analista ao proferir sua interpretação pode facilitar determinados efeitos *pharmakológicos* (e perlocucionários) de suas palavras?

Poderíamos nos perguntar sobre a possibilidade ou não de que ele utilize este fator como parte de sua intervenção terapêutica, já que o tom parece escapar a um controle consciente. Os estudos de Fónagy aportam um interessante ponto de partida: face à dificuldade de registros reais de situações de fala humana, o pesquisador utilizou-se, sobretudo, da atuação de atores amadores e profissionais, em peças de teatro, o que se mostrou bastante profícuo. Isto é, a intencionalidade do ator de dar à sua fala uma certa entonação não alterava a “compreensão” do ouvinte, antes pelo contrário, parece que para ser um bom ator há que se poder “jogar” com estas nuances de diferentes entonações e os efeitos por elas produzidos.

A entonação pode ser compreendida, no caso da análise, como catálise da interpretação: não importa apenas o que é dito, mas, sobretudo, *como* é dito. O “como” (entonação) altera o efeito perlocucionário sobre o paciente, e este se expande não apenas como efeito da palavra no psiquismo, mas como mediador do próprio calor transferencial e da resistência ao processo analítico. Um exemplo importante, neste sentido, seria a diferenciação entre humor e ironia, no que diz respeito à entonação.

Fónagy aponta que, nesta última, há uma forte contração muscular relacionada também à raiva (que, segundo ele, seria a cólera contida), aumentando a duração das consoantes, e alongando, sobretudo, a duração das oclusivas surdas, e reduzindo por outro lado a duração relativa das vogais (nas entonações ternas teríamos o processo inverso, com alongamento das vogais e encurtamento das consoantes e oclusivas; se opõe, neste sentido, ao registro do feminino ou infantil). No humor, o que ocorre é a condensação de conteúdos de caráter opostos, com a ajuda dos mesmos meios prosódicos, numa espécie de jogo vocal antitético.

Na ironia, portanto, há uma agressividade que não se encontra presente no humor. Tal ingrediente, aparentemente invisível (mas desde já audível!), pode levar a efeitos perlocucionários bem diversos do mesmo conteúdo de interpretação sobre o paciente, aumentando a resistência e mediando uma transferência negativa...

Para pensarmos acerca da interpretação humorada, peguemos como exemplo o caso de uma jovem de 28 anos. Sua queixa inicial é amorosa, dirigida contra uma relação que persiste há 15 anos e na qual a paciente não se implica nem se desliga. Isto é,

apesar de estar há 15 anos com o mesmo namorado, ela não consegue nem morar junto com ele, nem fazer plano a dois (ainda mora com os pais), mas também não consegue se “livrar” dele, numa relação então que lhe traz um profundo sofrimento e da qual se acha extremamente dependente. Não entraremos em maiores detalhes. O que nos interessa aqui é que este tema retorna durante praticamente todas as sessões. Nelas, a paciente descreve, ainda que sem saber, sua tentativa de modificar seu parceiro, suas “lições” sobre ele, enfim, suas mil e uma peripécias para transformá-lo no que ele não é, mas que ela desejaria que ele fosse. Em meio a este contexto, numa destas sessões, a paciente retoma o que lhe havia passado no dia anterior, numa situação onde novamente ela tentava dizer ao namorado como ele deveria ser. Conta-me num tom tenso, sombrio, enfurecido a *mesma* história de sempre: repetição... Digo-lhe então com um pouco de riso, num tom humorado: “Mas tu és uma pedagoga de vééio hein!! Pedagogo de criança já é tarefa difícil, mas pedagoga de véio é mais difícil ainda!”. Ela fica vermelha e ri, logo me dizendo: “É o pior é que eu sou pedagoga mesmo!!! Fiz magistério...” (nunca havia me dito isso). Ri muito, suspira e retoma suas associações, começa por sua lembrança na qual, quando criança, adorava brincar de professora, querendo *sempre* ser a professora. Algo nesta interpretação a tocou profundamente, pois esta metáfora foi retomada outras vezes, em outras sessões. Gostaríamos de ressaltar que o tom de humor foi aqui fundamental. Destacamos desde já, juntamente com Freud, que se o paciente como adulto, pode refletir sobre a intensa seriedade com que realizava seus jogos na infância; equiparando suas ocupações do presente, aparentemente tão sérias, aos seus jogos de criança, pode livrar-se da pesada carga imposta pela vida e conquistar o intenso prazer proporcionado pelo *humor* (Freud, [1908 (1907), p. 150.].

A entonação é, assim, um aspecto essencial na compreensão do ato perlocucionário e de seus efeitos, e se faz presente na interpretação do analista como exemplo daquilo que Freud denominou de enigma da palavra. Tratamos aqui de pontuar uma das vias pela qual a filosofia da linguagem ordinária pode contribuir para a elucidação, a compreensão e o estudo desse enigma.

Referências

- Aristóteles (1991). *La Métaphysique*. Inglaterra: Agora (Originalmente publicado no século IV a.c.)
- Aristóteles (2005). *Órganon*. Bauru: EDIPRO (Originalmente publicado no século IV a.c.)

- Aristóteles (1999). *Poética*. Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1999. (Originalmente publicado no século IV a.c.)
- Austin, A.L. (1990). *Quando dizer é fazer- palavras e ação*. (D. Marcondes Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Originalmente publicado em 1955)
- Fónagy, I. (1983). *La vive voix - Essais de psycho-phonétique*. Paris: Payot.
- Freud, S. (1974). Tratamento psíquico (ou mental) (J. Salomão Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol.7, pp. 293-316). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1905).
- Freud, S. (1974). Escritores criativos e devaneios (J. Salomão Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol.9, pp. 145-158). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1908 [1907]).
- Platão (1972). *A República*. Tradução: Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian. (Trabalho original publicado no século IV a.c.)
- Rorty, R. (1994). *A filosofia e o espelho da natureza*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. (Trabalho original publicado em 1979)
- Searle, J. (1984). *Os Actos de Fala*. Coimbra: Almedina. (Trabalho original publicado em 1969)
- Searle, J. (1984). *Expressão e Significado - Estudo da teoria dos atos de fala*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1985)
- Wittgenstein, L. (1995). Algumas Observações sobre Forma Lógica (D. Dal' Agnol, Trad.). *Revista Manuscrito*, 2 (XVIII), 39-47.
- Wittgenstein, L. (1991). *Investigações Filosóficas* (J. C. Bruni, Trad.). Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural. (Trabalho original publicado em 1953)
- Wittgenstein, L. (1994). *Tractatus Logico-Philosophicus* (L. H. Santos, Trad.). São Paulo: Edusp. (Trabalho original publicado em 1921)